



S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO II N.º 14
JANEIRO DE 1959

Composição e Impressão:
Escola Tipog. da Oficina de S. José
- B R A G A -

1959 NOVO ANO

INCERTO e vacilante, como bebé que do colo maternal se aventura aos primeiros passos, o Ano de 1959, vai ainda a pouco mais de meio da sua duodécima parte. Contudo, essa dezena e meia de dias que já passaram, não seriam suficientes para ler ou ouvir ler a infinidade de cálculos, previsões, palpites e profecias de toda ordem que o inquieto e curioso espírito humano arquitectou, a fim de desvendar o mistério que os restantes dias do ano podem encerrar.

Que nos trará este Ano da Graça de 1959?

E na resposta a esta pergunta, sempre palpitante, não falta quem em treveja cataclismos fantásticos de guerras apocalípticas com os diabólicos engenhos que dão pelo nome de "nucleares... Há outros que prevêm agravamento de estados políticos e económicos possivelmente geradores de intranquilidade, quiçá de sedições e revoltas, sempre perigosas, quando partem da demagogia.

Outros ainda, adiantando-se audazmente ao Evangelho, não temem enganar-se ao profetizar, para este ano, o Fim dos Tempos. E então é um nunca acabar de pormenores horripilantes onde não faltam descrições as mais pavorosas, com cidades e nações engulidas pela terra que se abrirá em boqueirões insaciáveis.

Alguns adiantam ainda que haverá chu-

vas de enxofres sufocantes, não sei quantas horas de misteriosas trevas e a humanidade exterminada em dois terços do seu total.

Enfim, tragédias, horrores, catástrofes. Que vos direi eu de previsões tão pessimistas?

Que nada é mais contrário ao espírito cristão do que o medo, a desconfiança, a intranquilidade.

O verdadeiro cristão tem na alma a serena paz gerada pela confiança no Senhor e pela esperança, sempre crescente, não só duma eternidade feliz, mas também dum mundo melhor.

Tem a esperança santamente teimosa e fundada na misericórdia infinita de Deus, de que os homens melhorarão e tem a certeza de que qualquer possível castigo, (que ninguém está autorizado a anunciar como certo ou próximo)

que a Divina Justiça nos infligisse, seria para nosso proveito espiritual. Por isso, vive descansado no cumprimento persistente do seu dever, cuidando de realizar as suas justas aspirações materiais e esforçando-se por adiantar cada vez mais, no caminho da perfeição cristã.

Está próximo o fim do Mundo?

Quem tem autoridade para afirmar semelhante coisa?

Nosso Senhor afirmou um dia aos seus apóstolos que nem os anjos sabiam quando

(Continua na 6.ª página)

*Ano Novo, Deus o guie
Pela sua própria mão;
Em seu amor o alumie;
E faça a paz sobre a terra,
Enchendo-a de riso e pão,
Em vez de fomes e guerra,
Ondas de sangue e furor!*

*Negra vida — rouquidão
De tanta voz que pragueja, —
Torne a si: e cante! e seja
Fala de Cristo, pregão
De justiça e de louvor...*

Auto do Ano Novo

António Corrêa d'Oliveira

A nossa Igreja tem história

Já lá vão oitenta anos

A 21 de Dezembro de 1879, tomou posse como pároco encomendado da freguesia de S. Paio o tão recordado e saudoso P. José Bento da Mota.

A Igreja então mais parecia uma Capela de romaria do que Igreja Paroquial. Baixa, pequena e de conjunto estético a inspirar compaixão. O telhado não era mais alto que o da Sacristia e o forro do tecto quase tocava o cimo da porta travessa; a capela-mor, pequenina como o nicho, de um santo e a torre pouco mais alta que a Igreja estavam realmente proporcionados à mesquinhez do conjunto. Duas coisas se aproveitavam: o altar do Santíssimo Sacramento e os três arcos de pedra da nave do mesmo Santíssimo. Parece que ambas as coisas haviam sido mandadas construir pela casa dos Cunhas.

O adro lembrava um cortelho, de reduzido que era, na expressão do P. Bento. Defronte da porta principal erguia-se uma casa chamada da "Fábrica", onde ao tempo se dava escola. No andar superior dava-lhe uns ares de alegria uma varanda solheira, onde a miudagem se dependurava. Por baixo, acomodaram-se umas dependências sanitárias, provavelmente primeira edição, não sei se mais modesta, das que ainda hoje se vêem na casa da Confraria. A casa servia de dormitório para os músicos nos dias de grande festa e possuía uma cozinha onde se fritavam sardinhas para os pobres na Quinta-feira Santa.

O adro era pois vedado pelo lado do mar por esta casa da "Fábrica", e pelos outros por uma parede carcomida e reumática, a que não faltavam silvados a mirrarem-se de penúria à míngua de uma alma boa que lhes desse a esmola de uma poda total.

Por fora da casa erguiam-se, definhadas e sem préstimo, algumas árvores depenadas. Um atalho seguia direito à Calçada, abrindo caminho para S. Paio de Cima.

A única entrada que o adro tinha chamada "Fojo", era guardada por duas cancelinhas de ferro e dois ciprestes, silentes e tristes, mas mesmo assim, palanque de encontro e folia de todos os pardais da freguesia, que à tardinha, se deliciavam em concertos sem fim, esticando até à última

linha todas as reservas de paciência do bom P. Bento.

O Cruzeiro estava em frente às cancelinhas num pequeno largo, junto mesmo à casa dos Barbosas, em frente a uma Cruz de Pedra que está à esquina da Residência Paroquial. Em dias de festa o povo apertava-se ali como a sardinha miuda na canastra, não sendo fácil, para os Reverendos Padres, o trânsito da Residência Paroquial para as casas fronteiras.

Era assim há oitenta anos, nos tempos em que o P. Bento aí chegou, segundo ele mesmo o relata numas memórias que deixou escritas e que o "Novo Cávado", publicou.

Decorria a quaresma de 1879, com as suas desobrigas e os seus bons propósitos, quando o Ex.^{mo} Sr. Barão de Maracanã, Manuel Gonçalves Pereira, filho de João Gonçalves Pereira e de D. Maria Rodrigues Meira, de abençoada memória para as terras de S. Paio, comprou à casa dos Cunhas, o terreno fronteiro à Igreja, desde o portão do cemitério até ao caminho público do lado sul (hoje estrada municipal, segundo creio). A compra ficou por 270 e tantos mil reis. Foi uma alegria, no abrir da primavera daquele ano.

Nesse mesmo ano o povo fez ali uma limpeza geral: paredes, valados, árvores, tudo o que estava em frente da Igreja sofreu o golpe de misericórdia.

Só ficou a tal casa da "Fábrica", a cheirar a sardinhas assadas na Quinta-feira Santa e a exhibir a penúria higiénica das suas instalações, já para a época aflitivamente ultrapassada, mesmo nos meios rurais. Mas também ela tinha os dias contados. Isto porém será assunto do próximo número.

(CONTINUA)

Indultos Pontifícios

(Bula da Santa Cruzada)

Todo o bom cristão adquire, durante o mês de Janeiro, os indultos pontifícios, dando a conveniente esmola.

Os pobres, para gozarem os privilégios que eles concedem quanto ao jejum e abstinência, não necessitam de os adquirir.

OBRIGAÇÃO

de ir à Missa

A glória canina

Num dia de festa, enquanto tocavam à Missa, dizia um patêgo, que tinha aprendido a sua moral na taberna:

— Eu desde que me casei nunca mais fui à Missa.

Um dos que o ouviram tinha um cão sentado a seu lado, e dando-lhe uma palmadita na cabeça, disse àquele parvo que se gloriava de não ir à Missa:

— Este cão tão pouco lá foi nunca, no que portanto te ganha.

Riu-se a gente, que ali estava, daquela saída, e o mentecapto se quedou com a boca aberta sem saber que replicar.

Não têm, pois, razão, filho meu, de gabar-se por isso, os que não vão à Missa; e muito menos tendo obrigação de ouvi-la, como a tem todo o cristão que não seja renegado. Alguns dizem: — gosto de cumprir os mandamentos da Lei de Deus, mas de ir à Missa, não.

Infeliz! Não sabes que assistindo à Missa aos domingos e dias de preceito já cumpres em grande parte o terceiro mandamento da Lei de Deus, que é santificar as festas? Mas se não vais à Missa, como santificas o dia do Senhor? Passas o domingo como se fosses um mouro, um judeu, um bárbaro da A'frica, ou um cão?

Outros dizem que não podem ir à Missa, porque precisam de trabalhar ao domingo.

Tristíssima desgraça, é esta, ter de trabalhar todos os sete dias da semana e não ter sequer uma hora para ir à Missa!

Se te vires em tão lamentável situação, faze todas as diligências que possas para procurar outra colocação que te permita santificar os dias de festa, e não pares até achares trabalho noutra parte. Mas se, para já, isso não é possível, madruga um pouco para ouvir Missa antes de acudir ao trabalho necessário, e em meia hora que dura a Missa terás cumprido com a tua sagrada obrigação.

De nenhum modo, porém, faltes à Missa por preguiça nem por respeito humano; e se algum dia não puderes ir, reza pelo menos o Rosário, ou alguma outra oração, para que Deus veja que não faltaste por má vontade.

CIDADE

de «Redondas»

Reza a tradição, tradição já em voga em 1738, segundo contam as Memórias Paroquiais. (Arquivo Nacional da Torre do Tombo — Lisboa) que existiu junto da Estrada Viana-Porto, no local chamado Redondas, uma cidade antiga, que remontará a épocas, que eu saiba ainda não identificadas, mas talvez, ao tempo dos romanos.

De facto, tijolos, telhas, fragmentos de louça e outros materiais aí encontrados pelos lavradores, assim o parecem confirmar.

Sabemos ainda do aparecimento de uma mó de moinho e de uma placa de tijolo, com uns sinais gravados, ainda não estudados.

Como estes e outros sintomas que venham a aparecer podem ser dados para uma possível pista, recomenda-se a todos os lavradores daquelas beiras o favor de recolherem pedaços de telha, moedas antigas e enferrujadas e tudo o que encontrarem que revele indícios dessa povoação.

Esse recheio com outro que se venha a encontrar pode muito bem vir a ser o princípio de um museu paroquial, a figurar no futuro salão.

A nossa terra está cheia de história e de passado e bom é que esse viver antigo se consiga reconstituir.

Existência do Céu

O socialista incrédulo

Havendo um socialista incrédulo ouvido parte de um sermão acerca da glória do paraíso, dizia ao sair da igreja:

— Todas estas coisas que disse o pregador são mentiras; não há nenhum céu; o que há é a riqueza e o prazer, cá neste mundo; e isso é o que devemos alcançar custe o que custar. O céu da outra vida é o consolo dos parvos...

Enfadou-se ao ouvir isto um bom cristão que o estava escutando, e disse-lhe:

— Se o céu da outra vida é o consolo dos parvos, o céu desta vida é o consolo dos loucos ou dos asnos como tu.

Acertadíssima resposta, que não necessita de prova alguma.

Juventude Agrária Católica

*As Juventudes são tórre,
Cinco varandas ao alto;
Sem mim, a Jac, faltara
Tudo o mais... Mas eu não falto!*

*Qual Igreja, a humilde Jac
Sai da terra, ao Céu erguida:
Primeiro degrau da escada,
Sem a qual não há subida.*

*A Jac lava e semeia,
Dando às mais o vinho e o pão.
— Sem Pão e Vinho, na Missa
Não houvera a Elevação.*

Para a JAC
de S. Paio d'Antas

António Corrêa d'Oliveira

*Versos escritos a pedido de meu filho
António, fervoroso presidente da JAC nesta
Paróquia.*

25-Janeiro-1940.

António

Partiram

Armando da Costa Azevedo, partiu para a Argentina a 1/12.

Laurentino Viana Azevedo deixou S. Paio a caminho de França a 4/12.

Boa viagem e feliz regresso.

Chegaram

De França: José Viana de Azevedo e José Joaquim Durrães Moreira.

Da Argentina: Manuel Faria, Domingos Alves da Cruz e Manuel Moreira da Cruz.

Natal Para Todos

Transporte	930\$00
Domingos Azevedo (França)	50\$00
Manuel da Cruz Neiva (India)	100\$00
Cassiano Alves de Faria (Angola)	50\$00
	<hr/> 1.130\$00

Todo esse dinheiro, e mais algum, foi distribuído por 72 famílias. Cada uma recebeu conforme o número de pessoas, quem era uma só pessoa levou 7\$50.

Foi, de verdade, um Natal para todos: para os pobres que tiveram com que comprar o vinho; para os merceiros que venderam os géneros e para todos nós que vimos a alegria nos outros.

Uma lembrança muito especial para aquele que foi o iniciador e maior contribuinte, Albino Pereira de Sá.

Para todos, o agradecimento do Pároco que é pai dos pobres, dos remediados e dos ricos.

====

A Sr.^a D. Lucinda Correia da Fonseca distribuiu consoadas por 100 famílias.

Cada consoada constava de:

Meio quilo de batatas, uma posta de bacalhau e azeite para cada pessoa da família.

Distribuiu também 150 peças de roupa pelas crianças.

Deus lhe pague.

====

Um Sr. (toda a gente o conhece), é o mesmo dos 500\$00 de há tempos, trouxe 12 cobertores, muito bons, para os pobres. Já seguiram o destino.

S. Miguel há-de colocar no prato da balança, no Dia das Contas, todos os actos de amor ao próximo.

Recebemos

Manuel Gonçalves Cardante (Argentina), jornal e igreja	300\$00
Manuel Alves de Azevedo (Mocambique)	100\$00
José Viana Caramalho (Baixo Alentejo)	20\$00
Anónimo (Argentina)	100\$00
Anónimo (Argentina)	70\$00
Rosa Rodrigues Meira (Lisboa)	50\$00

Banda de Música

Duas vezes por semana tem havido ensaios para a coral da Banda a fim de cantar uma nova missa; é ensaiador o Sr. P.^c Domingos Neiva.

É preciso não faltarmos nunca com o nosso apoio, ao menos moral, a essa instituição, há muitos anos fundada e conservada com tanto gosto e aprumo, a fim de que progrida cada vez mais e seja um meio de cultura musical para os nossos rapazes.

CÁRITAS

Há mais de um ano (17/11/957) que, diariamente, vem sendo distribuída uma merenda a cinquenta crianças. Já foram distribuídos 1.200 kg. de farinha triga; (15.000 pães); 700 kg. de leite e 600 kg. de queijo. Todos estes géneros são oferta do povo Norte-Americano por intermédio da "União de Caridade Portuguesa.

— Merecem uma referência muito especial as 15 catequistas que, à vez, diariamente fazem a distribuição.

Sagrada Família

* De todas as lições que nossos lares podem recolher da Sagrada Família de Nazaré, recortemos o segredo da felicidade daquele lar humilde, pobre mas virtuoso.

— **Vida de Amor:** lares sem amor são lares destroçados. Imitem os esposos o amor mútuo de José e Maria. Imitem os pais e os filhos o amor mútuo de Jesus, Maria e José! E haverá mais harmonia, mais felicidade nos nossos lares.

— **Presença de Jesus:** recristianizemos as famílias, impregnando a vida familiar — todos os deveres — do Evangelho de Cristo, mantendo Jesus, presente e vivo nos nossos lares, como na casa de Nazaré..

O mar também deu consoada

Nos dias 22, 23 e 24 de Dezembro o mar deitou para a praia grande quantidade de sargaço. Dizem os entendidos que já há anos não saía tão grande quantidade.

Bendito sejas, Senhor, porque creastes o mar que é nosso amigo.

Festas do Natal

Depois de uns dias de tempestade o dia de Natal apareceu risonho: sol brilhante a reflectir-se na geada.

A missa paroquial, a primeira, foi cantada pelo grupo coral formado por rapazes e raparigas. Os paramentos do celebrante eram novos, oferta de 1.900\$00; dois meninos ajudaram à missa revestidos de batina vermelha, roquete branco e murça vermelha (dizem que era interessante).

Igreja repleta de gente, recolhida e alegre, muitos vindos de longe para consoar com os seus.

==
O Sagrado Lausperene, que teve início no dia 26, foi este ano prejudicado por uma chuva miudinha e constante durante a noite. A frequência, sobretudo de homens, não foi como no ano anterior.

==
No dia de Ano Novo (Circuncisão do Senhor) a missa foi acompanhada a cânticos pelo mesmo grupo do Natal; ao harmónio esteve sempre o José Joaquim Ferreira.

==
Neste mesmo dia principiou o retiro para rapazes. Tomaram parte nele 47. No fim todos saíram satisfeitos e com vontade de continuar em retiro. Sim, continuei em retiro, isto é, longe do pecado e próximos de Deus.

Este retiro foi subsidiado pela Sr.^a D. Maria da Conceição de Meireles Lacerda que, por intermédio de seu sobrinho P.^c Fernando Leite S. J., para ele concorreu com avultada esmola.

Deus pague a todos: ao Sr. P.^c Leite que o prègou, à Sr.^a que ajudou a sua realização e à Família desta terra que como sempre a todos acolheu e ajudou.

Esmola do Ovo

Lugares	1958	N.º de Casas
Igreja	96\$60	— 7 —
S. Paio de Cima	65\$20	— 11 —
Monte	626\$60	— 88 —
Azevedo	741\$50	— 65 —
Pereira	225\$60	— 19 —
Estrada	282\$70	— 38 —
Guilheta	1.266\$10	— 108 —
Belinho	715\$50	— 50 —
	3.919\$80	

Vêdes, como poucos poucos fazem *muito!* Se cada casa desse 50 centavos cada domingo seriam 10.000\$00 no fim do ano.

E... a casa da Confraria tem de ir abaixo; tem ou não?

Noticiário

1959-NOVO ANO

(Continuação da 1.ª página)

Baptizados

Não há muito tempo, um Sacerdote que trabalhava como Missionário entre os povos do centro da América, foi a uma aldeia do interior e, depois de pregar ali vários dias, baptizou bastantes indígenas e, entre eles, um homem dos seus 50 anos.

Tendo de voltar à Europa, só lá voltou dois anos mais tarde. Quando chegou à mesma aldeia, antes de celebrar Missa, apareceu-lhe o tal homem que foi baptizado dois anos antes, e pediu-lhe:

— Senhor Padre, eu queria receber Jesus.

— Então venha confessar-se primeiro, — disse o Sacerdote.

— Confessar-me, para quê?... — responde o homem. — Eu já me baptizei, há dois anos.

— Pois é por isso mesmo; desde então para cá já pode ter feito algum pecado mortal. Precisa, por conseguinte, de pedir a Deus perdão e confessar-se bem, antes de comungar.

O homem ficou muito admirado com o que ouviu, e perguntou:

— Pecado mortal?!... Mas então, depois do baptismo, ainda há alguém que faça pecados mortais?! Na Europa, as pessoas ainda cometem desses pecados, depois de serem baptizados? Oh! não pode ser. Então eu havia de ter ofendido o nosso Pai do Céu, expulsando-O da minha alma onde Ele ficou a viver? Não, Senhor Padre, eu tenho feito sempre a vontade do Senhor. Por esse motivo não devo precisar de me confessar, graças a Deus...

Eva Maria Gonçalves Rolo, filha de Laurentino de Faria Rolo (Fagundes) e de Maria Elvira da Silva Gonçalves; nasceu, foi baptizada, confirmada e festejou a 23/12.

Manuel Augusto Alvarães Laranjeira, filho de Álvaro Melre Laranjeira e de Cândida Ferreira Alvarães, residentes no lugar de Belinho; foi baptizado a 26/12.

Maria Adelaide Lapeiro de Sá, filha de Manuel Dias de Sá e de Maria Rodrigues Lapeiro, residentes no lugar de Guilheta; foi baptizada a 28/12.

Aníbal Viana Laranjeira, filho de Florentim Rodrigues Laranjeira e de Maria dos Prazeres Torres Pereira Viana, residentes no lugar de Belinho; foi baptizado a 28/12.

José Manuel Neves Caramalho, filho de António Gonçalves Caramalho e de Teresa do Menino Jesus Gonçalves Ribeiro Neves, residentes no lugar de Guilheta; foi baptizado a 1/1 de 1959.

Rogério Rolo Portela, filho de Manuel Augusto Gonçalves Portela e de Maria Alves Rolo, residentes no lugar de Guilheta; foi baptizado a 4/1.

Virginia Maria Torres Caramalho, filha de David Gonçalves Caramalho e de Cândida Maltês Torres, residentes no lugar de Guilheta; foi baptizada a 11/1.

Mário Henrique Abreu de Barros, filho de Amadeu Pereira de Barros e de Rosária Rodrigues de Abreu, residentes no lugar da Estreda; foi baptizado a 11/1.

Em 1958 — Baptizados, 66

Do sexo masculino, 34

Do sexo feminino, 32

sucederiam as coisas relativas ao fim dos tempos. Se nem os anjos, como querem certos causar perturbações na nossa alma anunciando como próximas, coisas que ninguém sabe quando acontecerão?

Se alguém vos vier com essas narrações assustadoras não vos perturbeis. Esforçai-vos, isso sim, por viver na Graça de Deus, no cumprimento da sua Lei, no amor de Deus e do próximo e quanto ao resto esperai e confiai no Senhor, pois não é sem razão que todos os dias O invocamos sob o doce nome de "Pai Nosso".

Casamentos

«Uma rapariga bateu à porta da residência do seu pároco, para lhe anunciar o seu casamento próximo.

— E a menina está certa de que o noivo é de comportamento moral exemplar?

O Sr. Reitor, eu não pretendo que ele seja perfeito! Mas gosto imenso dele. Tem uns olhos, um cabelo, um bigode! A gente precisa de alguma coisa para os olhos...

— Ah, a menina quer alguma coisa para os olhos? Está bem. Que seja muito feliz!

Passados seis meses, essa rapariga, já casada, voltou a ter com o pároco. Mas vinha chorosa, com a cabeça enfaixada...

— Então, que é que aconteceu? Inquiriu o Sacerdote.

Levantando a faixa, a rapariga mostrou um dos olhos lívido e contuso, inchado como um ovo.

— Olhe, Sr. Reitor, para o que me fez o meu marido! Que homem tão brutal! Zangou-se comigo e ferrou-me tremendo bofetão que me deixou o olho, como o Sr. Reitor está a ver...

Ela queria alguma coisa para os olhos!...

Domingos Viana da Cunha e Maria de Lurdes Laranjeira da Costa, uniram-se pelos laços do matrimónio no dia 20/12.

Manuel António da Cruz Coutinho e Emília do Vale e Silva, ele de Forjões e ela do Freixo, realizaram o seu casamento no dia 3/1 de 1959.

José Viana de Azevedo e Maria Irene da Costa Rolo, ele de Azevedo e ela do Monte, contraíram o santo sacramento do matrimónio no dia 17/1.

Em 1959 — Casamentos, 19.

Deus a todos abençoe.

Óbitos

No dia 25 de Dezembro, dia de Natal, adormeceram no Senhor:

Albina Queirós dos Santos, de 68 anos, casada com Manuel Alves da Cruz (Calçada), do lugar da Pereira; foi acometida por ataque cerebral que a deixou sem sentidos durante oito dias.

Manuel Fernandes de Sá (Bispo), viúvo, faleceu repentinamente quando subia as escadas de casa.

Em 1958 — Faleceram, 27.

6 homens; 11 mulheres; 10 crianças.